

Brasilpar defende "ação efetiva" para atrair capital estrangeiro

por Tom Camargo
de Londres

Um banqueiro brasileiro, Roberto Teixeira da Costa, presidente do banco de negócios Brasilpar, de São Paulo, defendeu ontem em Londres, durante um seminário de dois dias sobre o mercado de ações em países do Terceiro Mundo, uma "ação direta, efetiva e liberalizante do governo (brasileiro) no sentido de atrair capital estrangeiro, transformando o mercado acionário do País numa efetiva ferramenta de capitalização para as empresas locais".

Ele disse que programas de conversão da dívida externa em investimento direto não devem ser entendidos como parte central na estratégia da renegociação externa, mas observou que as conversões têm "notável efeito multiplicador e, portanto, são positivas para todos os participantes do mercado".

Teixeira da Costa foi um dos palestrantes, ao lado de representantes da International Finance Co. (a subsidiária do Banco Mundial) e de diversos bancos e corretoras — do Banque Francaise Standard Chartered à James Capel, de Londres — da conferência organizada pela revista South denominada "Mercados de ações do Terceiro Mundo — uma opção ignorada?"

O presidente da Brasilpar disse que sua empresa está ultimando os detalhes de constituição de uma companhia chamada Investcorp, nas quais sócios do Brasilpar colocarão o equivalente a US\$ 2,5 milhões.

Visando operar na área de conversão da divi-

da, com especial ênfase em bancos de porte médio com créditos no Brasil e que prefeririam dar destino mais produtivo aos recursos que mantêm depositados compulsoriamente no Banco Central.

Teixeira da Costa observou ainda que não vê muita chance que o plano de conversão da dívida por ações que o governo brasileiro deverá aprovar inclua parcelas do principal (que ficaria atado ao plano geral de reescalonamento da dívida), sugerindo que "o caminho a ser adotado contemplará algo em relação aos juros".

Segundo outro orador, Antoine Van Agtmael, diretor adjunto da área de mercado de capitais da International Finance Co. (que recentemente fez uma transferência de dívida envolvendo o Bank of Scotland, o Northwest Minneapolis e a Papel e Celulose Catarinense) investir em 35 mercados de ações de diferentes países em desenvolvimento, onde são transacionados mais de 8 mil papéis diferentes, valendo mais de US\$ 130 bilhões a preços correntes, "pode ser um exercício potencialmente lucrativo, mas também bastante arriscado, devido à volatilidade dos retornos anuais".

Ele disse acreditar que estes mercados — do qual o Brasil é o maior — mereçam, em futuro próximo, maior atenção dos investidores institucionais dos países industrializados, mas para que isso aconteça se faz necessário maior transparência de procedimentos de todas as partes envolvidas, a começar por governos e empresas cotadas.